

Risk management & culture

Three views on three regions by three international risk managers

Três perspectivas sobre três regiões por três gestores de risco internacionais

Jorge Luzzi

Executive Vice President of Herco Global, MDS Group

Talking to:

Franck Baron

Risk Manager at International SOS (Singapore) and Chairman of PARIMA (PanAsia Risk & Insurance Association)

Cristiane Alves, Insurance Manager at CSN (Brazil), Executive President of ABGR (Associação Brasileira de Gerência de Riscos) and Alarys (Associação Latino-Americana de Administradores de Risco e Seguros)

A few months ago I had the opportunity to coordinate a workgroup that presented in Ferma's European Forum, in Maastricht (The Netherlands) the theme "Cultural Differences", dealing with them in the field of Risk and Insurance Management.

Franck Baron and Cristiane França Alves participated in this discussion forum. A short while later I had the pleasure of meeting them again. The interest and enthusiasm generated by this subject made us discuss it again, and share a few comments and findings that resulted from these talks.

To talk about cultural differences in risk perception is extremely interesting, but also very difficult and thankless. We are frequently drawn to platitudes and all generalisations turn out to be unjust and reductive. However, we can always approach the subject from the experience of Risk Managers around the world. Their experience in several countries and continents is a rich basis to broach the subject and share some highlights on the different ways risk management is seen throughout the world. Although a lot more is known on the attitude regarding risk in the large North American market, in these interesting talks we discussed not only the large and already stable markets, such as Europe and Japan, but also the emergent ones, namely in Latin America and Asia.



EUROPE

The vision of Jorge Luzzi, Executive President of FERMA up to October 2013 and risk manager with global experience

What is Europe? (And what is not?)

Due to its common historical background, Europe is seen as a geographical unit, as a continent. With an area that is smaller than that of all

other continents, except for Oceania, its population makes it the most densely populated land. From its history in the last century, scarred by two major conflicts, resulted numerous efforts

Há poucos meses atrás tive a oportunidade de coordenar um grupo de trabalho que apresentou no Fórum Europeu da Ferma, em Maastrich (Holanda) a temática "Diferenças culturais", tratando as mesmas no campo do Gerenciamento de Riscos e Seguros.

Participaram neste fórum de discussão Franck Baron e Cristiane França Alves. Pouco tempo depois tive o prazer de reencontrá-los. O interesse e entusiasmo que o tema gerou levou-nos a debate-lo novamente, e a partilhar alguns comentários e conclusões que derivaram destas conversas.

Falar de diferenças culturais na percepção de riscos é muito interessante, mas também muito difícil e ingrato. Frequentemente tendemos a cair em lugares comuns, e todas as generalizações acabam por ser injustas e redutoras. Porém, podemos sempre fazer uma aproximação ao tema baseando-nos na experiência de *Risk Managers* de todo o mundo. A sua experiência em diversos países e continentes constitui uma base rica para aflorar o tema e partilhar alguns *highlights* sobre as diferentes formas como o gerenciamento de risco é visto pelo mundo. Embora se saiba muito mais sobre a atitude face ao risco no grande mercado norte-americano, nestas interessantes conversas que tivemos debatemos tanto os grandes mercados já estáveis, como a Europa e Japão, como também os emergentes, nomeadamente na América Latina e na Ásia.

EUROPA

A visão de Jorge Luzzi, Presidente da FERMA até outubro do ano 2013 e gestor de risco com uma experiência global

O que é a Europa? (E o que não é?)

Devido ao seu percurso histórico comum, a Europa é vista como uma unidade geográfica, como um continente. Com uma área inferior a todos os outros continentes, à exceção da Oceânia, a sua população torna-a no território mais

London Tower, United Kingdom



towards convergence and unification, the most visible of which made real in the European Union. However, in spite of these efforts, Europe continues to be characterised by diversity: its population comes from different ethnicities and cultures, communicates in over 200 languages (although 10 are predominant) and is spread out over 47 countries.

In short, although Europe is seen as a geographical unit, it is nowadays the continent with the greatest cultural fragmentation. In this context, it is a mistake to generalise about the Europeans' perception in regards to risk management.

How the European acts towards risk

To understand this stand, we have to break Europe down into five cultural subgroups:

I. Non-Continental Anglo-Saxon Countries and Celtic Islands (e.g., United Kingdom and Ireland)

These countries have stable and traditional systems, established many years ago. Culturally characterised by high rationality and pragmatism, these countries tend to have higher levels of trust in the institutions and in the market. In terms of risk management, this characteristic is materialised in a traditional confidence in the insurance and reinsurance market, and in a good understanding concerning the relevance of loss prevention attitudes.

II. Continental Latin Countries (e.g., France)

France has a traditional and solid culture when it comes to risk management – i.e., the French are pragmatic and understand this activity and its principles well. However, the economic downturn felt in the past few years affected the established perception of stability in the system, leading to questioning of realities that were so far incontrovertible. One of the areas where impacts occurred was clearly the level of investment in

densamente povoado. Da sua história no último século, marcada por dois grandes conflitos, resultaram numerosos esforços no sentido da convergência e unificação, o mais visível dos quais materializado na União Europeia. No entanto, apesar destes esforços, a Europa continua marcada pela diversidade: a sua população provem de diferentes grupos étnicos e culturais, comunica em mais de 200 línguas (embora 10 sejam predominantes) e está dispersa por 47 países.

Em síntese, apesar da Europa ser vista como uma unidade geográfica, é hoje o continente com a maior fragmentação cultural. Neste contexto, fazer generalizações relativamente às perceções dos europeus relativamente ao gerenciamento de risco é abusivo.

Como atua o europeu frente aos riscos

Para compreender essa postura, temos que dividir a Europa em cinco subgrupos culturais:

I. Países Anglo-Saxónicos não Continentais e Ilhas Celtas (Ex: Reino Unido e Irlanda)

Estes países têm sistemas estáveis e tradicionais, estabelecidos há muitos anos. Culturalmente caracterizados por uma elevada racionalidade e pragmatismo, estes países tendem a registar índices superiores de confiança nas instituições e no mercado. Em termos de gerenciamento de risco, esta característica consubstancia-se numa tradicional confiança no mercado de seguros e resseguro e numa boa compreensão da relevância de atitudes de prevenção de perdas.

II. Países Latinos Continentais (Ex: França)

A França tem uma cultura tradicional e sólida no que se refere ao gerenciamento de risco – ie, os franceses são também pragmáticos e compreendem bem esta atividade e os seus



activities dealing with loss prevention. In short, the propensity towards risk management was mitigated by the economic situation, with visible result on the investments performed. However, France remains one of the most serious European practitioners in Risk Management.

III. Continental Anglo-Saxon and Nordic Countries (e.g., Germany and Sweden)

Stability of the systems and governments allowed for the development of high levels of trust. This characteristic, conjointly with a cold mentality, led to risk being understood serenely and without panic. That is, the risk exists and it should be managed but it is seen as a normal activity, not as a cause for concern.

IV. Countries from the South and the Mediterranean (e.g., Portugal, Spain and Italy)

In this group are the countries with the most emotional people in Europe. Simultaneously, these are also countries that lived for large periods of the 20th century under totalitarian regimes. As a result, they tend to have little trust in the institutions in general, and in the insurance market and initiatives seeking to prevent risk in particular. In these countries, players connected to this activity strive to change this attitude, with these being markets with an interesting growth potential.

V. Eastern Countries (e.g., Russia)

Risk perception and the importance of loss prevention is growing in the Eastern European countries, with a fast reduction in the gap between these countries and those of Western Europe. There is, however, still a long way to go towards creating a risk management culture. In this context, there will be many opportunities in these markets.

princípios. No entanto, a crise económica sentida nos últimos anos afetou a tradicional percepção de estabilidade do sistema, levando a que se questionem realidades até aí incontornáveis. Um dos aspetos onde se verificaram impactos foi claramente a nível do investimento em atividades tendentes à prevenção de perdas. Em síntese, a propensão para o gerenciamento do risco acabou por ser mitigada pelas condições económicas conjunturais, com resultados visíveis a nível dos investimentos realizados. Apesar disso, a França continua a ser um dos países que continua a encarar o Gerenciamento de Risco com maior seriedade.

III. Países Anglo-Saxónicos Continentais e Nórdicos (ex: Alemanha e Suécia)

A estabilidade dos sistemas e governos permitiu o desenvolvimento de níveis elevados de confiança. Este aspeto, em conjugação com uma mentalidade fria, levou a que o risco seja percecionado com tranquilidade e sem pânico. Ou seja, o risco existe, e deve ser gerido, mas tal é encarado como uma atividade normal, e não preocupante.

IV. Países do Sul e Mediterrâneos (Ex: Portugal, Espanha e Itália)

Neste grupo encontram-se países com os povos mais emocionais da Europa. Simultaneamente estamos também perante países que viveram, durante longos períodos do século XX, sob regimes ditatoriais. Como resultado, tendem a ter pouca confiança nas instituições em geral e no mercado segurador e nas iniciativas tendentes à prevenção de riscos em particular. Nestes países, os *players* ligados à atividade esforçam-se no sentido de mudar esta atitude, sendo mercados com um potencial de crescimento interessante.

V. Países de Leste (Ex: Rússia)

A percepção face ao risco e à importância da prevenção de perdas está a crescer nos países do leste europeu, registando-se uma diminuição rápida do *gap* entre estes países e os da Europa ocidental. Existe, no entanto, ainda um longo caminho a percorrer no sentido de criar uma cultura de gerenciamento de risco. Neste contexto, existirão muitas oportunidades nestes mercados.

Conclusão

Na Europa não existe uma atitude partilhada face ao risco. Regista-se uma maior tendência nos países do norte do continente para prestar mais atenção à prevenção e ao gerenciamento do risco, que se explicará provavelmente pelas dificuldades climáticas, que fizeram com que a ação preventiva fosse sempre encarada como importante. São, assim, mercados mais maduros.

Nos países do Sul e do Leste europeu põem-se grandes desafios aos profissionais relacionados com a administração de riscos e seguros. Mudar a mentalidade para que seja atribuída uma maior relevância à prevenção e transferência de risco é crucial. Não podemos, no entanto, deixar de salientar que grandes avanços foram já conquistados, nomeadamente no Sul da Europa, onde a atenção dada hoje aos seguros e à definição de medidas de prevenção de perdas é muito mais comum do que era em meados do século XX.

A potencial alteração de mentalidades poder-se-á refletir num enorme de crescimento, com significativas oportunidades para a atividade seguradora em geral, e para o gerenciamento

Conclusion

There is no shared attitude towards risk in Europe. There is a greater tendency in the continent's northern countries to pay closer attention to risk prevention and management, which can probably be explained by the climatic difficulties, which made preventive action always to be seen as important. Thus, these are more mature markets.

In the countries in the South and East of Europe the professionals in the areas of risk and insurance management face considerable challenges. It is crucial to change mentalities in order for greater relevance to be given to risk prevention and transfer. We cannot, however, ignore the fact that major advances have already been achieved, namely in the South of Europe, where the attention currently given to insurance and to the definition of loss prevention measures is much more common than it was in the middle of the 20th century.

The possible change to mentalities may result in tremendous growth, with significant opportunities for the insurance activity in general, and for risk management in particular. However, the current economic downturn may discourage these developments and their materialisation into real investments.



ASIA

The view of Franck Baron, an international and award-winning risk manager, with his eyes set on this continent

A heterogeneous continent

Asia is the largest continent, both in area and in number of inhabitants. In recent years it has brought about a growing

interest, given its rapid growth and development, namely at the commercial and industrial level.

However, Asia is also a continent that encompasses great diversity, stemming from several aspects such as different development levels, diverse political systems and dominant religions. All these aspects, resulting among others factors from specific historical backgrounds, regional issues, and availability of resources, led to the emergence of different realities, which also generate different mentalities regarding the importance of risk management.

Risk perception in Asia

Generally, we can say that there is a growing concern towards risk prevention. This evolution is related to the frequent occurrence of natural disasters. The large tsunami in Indonesia (2004), the earthquake followed by tsunami in Japan (2011), and the major floods in Thailand (also in 2011) are good examples and contributed to increase the people's sensitivity and attention to the issue.

However, and in spite of the general trend detected, there are very different positions concerning risk managing. We have, on the one hand, countries such as Japan, Australia, Singapore, and Taiwan, which are good examples of an already considerable sophistication in this area. On the other hand, we also have developing countries, which have undergone strong economic growth, which still have to grow in this area.

Other relevant examples are China and India, two specific cases. These are differing countries, namely for their culture and governing system. While in India the Hindu philosophy is the rule, in China it is the Buddhist tradition that is more prevalent, with strong traits in adaptation and contemplation, shared with

de riscos em particular. No entanto, a presente crise económica poderá desencorajar estes desenvolvimentos e a sua materialização em investimentos reais.

ÁSIA

A perspetiva de Franck Baron, um gestor de risco internacional e premiado, com os olhos postos neste continente

Um continente heterogeneo

A Ásia é o maior continente, tanto em área, como em número de habitantes. Em anos recentes tem despertado um interesse crescente, dado o seu rápido crescimento e desenvolvimento, nomeadamente a nível comercial e industrial.

Mas a Ásia é igualmente um continente que abarca uma enorme diversidade, que advém de diversos aspetos como diferentes níveis de desenvolvimento, sistemas políticos diversos ou religião dominante. Todos estes aspetos, fruto nomeadamente de percursos históricos particulares, de questões geográficas ou de disponibilidade de recursos, levaram à emergência de diferentes realidades, que vão gerar também diferentes mentalidades face à importância do gerenciamento de risco.

Perceção de riscos na Ásia

De uma forma geral, podemos afirmar que existe uma crescente preocupação com a prevenção de riscos. A esta evolução não é de toda alheia a ocorrência frequente de catástrofes naturais. O grande tsunami na Indonésia (2004), o sismo seguido de tsunami no Japão (2011) e as grandes inundações na Tailândia (também em 2011) são bons exemplos, e contribuíram para gerar no público uma maior sensibilidade e atenção para o tema.

No entanto, e apesar da tendência geral detetada, existem posturas muito diferentes no que se refere ao gerenciamento de riscos. Temos, por um lado, países como o Japão, Austrália, Singapura e Taiwan, que são bons exemplos de uma já elevada sofisticação nesta área. Por outro lado, temos também muitos países em desenvolvimento, que têm registado um forte crescimento económico, mas que têm ainda que crescer neste aspeto.

Outros exemplos relevantes são a China e a Índia, dois casos particulares. São países díspares nomeadamente pela sua cultura e sistema de governação. Enquanto na Índia impera a filosofia hindu, na China predomina a tradição budista, com fortes traços em termos de adaptação e contemplação, que coabitaram com décadas de sistema comunista. Em comum têm a sua enorme dimensão e as elevadas expectativas em termos de crescimento. Neste contexto, o desenvolvimento de uma cultura de prevenção de riscos e de transferência dos mesmos através de seguros assume particular importância. Esse processo exigirá um esforço considerável por parte dos profissionais do setor.

Esta diversidade é claramente influenciada por um conjunto de fatores, que não se limitam aos aspetos culturais. Um deles é o facto da empresa estar ou não cotada em bolsa – as empresas cotadas estão sujeitas a requisitos mais apertados, tendo normalmente maior propensão para o gerenciamento de risco. O mesmo tipo de efeito pode resultar da pressão exercida por outros agentes externos, como auditores, ou mesmo agências de *rating*.



Seoul, South Korea

decades of a communist system. In common they have their tremendous size and high expectations on growth. In this context, the development of a culture of risk prevention and risk transfer with insurance is of singular importance. That process will require a considerable effort by the professionals in the industry.

This diversity is clearly influenced by a set of factors that are not limited to cultural aspects. One of them is the possibility of the company being publicly traded or not – publicly-traded companies are under stricter requirements, and usually more likely to manage risk. The same kind of effect may stem from pressure coming from other external agents, such as auditors, or even rating agencies.

The existing legislation in the country of origin also has an impact. The stricter and more rigorous the legislation (such as in Australia and in Singapore), the better prepared the companies are, making greater use of risk management and the insurance market.

Lastly, the lack of specialised resources can also hinder the dissemination of these practices. In some countries, the industry's professionals may have a still somewhat incipient knowledge of what really constitutes suitable and full management of the companies' risk. We believe this issue may be diminished by the role of industry associations, such as PARIMA in Asia.

Conclusion

The generic trend towards a greater awareness concerning the importance of risk management is, without a doubt, positive. Pockets of strategic risk management are gradually expanding.

Even so, risk management in Asia is still very incipient. The change in mentality in this field is encouraged by globalisation and by the enforcement of requirements and regulations.

A legislação em vigor no país de origem tem também impacto. Quanto mais apertada e rigorosa é a legislação (como na Austrália e em Singapura), mais preparadas estão as empresas, registando-se níveis superiores de utilização e recurso ao gerenciamento de risco e ao mercado segurador.

Finalmente, a falta de recursos especializados pode também ser um entrave à difusão destas práticas. Em alguns países mais do que noutros, os profissionais do setor podem ter um conhecimento ainda um pouco embrionário do que realmente constitui um gerenciamento adequado e integral do risco das empresas. Acreditamos que tal problema poderá ser minorado pelo papel a desenvolver pelas associações setoriais, como a PARIMA na Ásia.

Conclusão

A tendência genérica no sentido de uma maior consciencialização relativamente à importância do gerenciamento de risco é, sem sombra de dúvida, um aspeto positivo. Bolsas de gestão estratégica de risco estão a expandir-se gradualmente.

Mesmo assim, a gestão de risco na Ásia está ainda numa fase muito inicial. A alteração da mentalidade neste campo é encorajada pela globalização e pela imposição de requisitos e regras. No entanto, os reguladores e outros agentes externos apenas indicam o que deve ser feito, mas não como, pelo que a eficácia das medidas implementadas é questionável. Estas dúvidas são reforçadas pelo facto de não existir ainda uma verdadeira compreensão dos benefícios de longo prazo do gerenciamento de risco. Ainda muito trabalho tem que ser feito junto dos profissionais do setor e dos decisores, para que compreendam os vários instrumentos e soluções disponíveis nesta área, em vez de basearem os seus conselhos e decisões unicamente em questões de preço.

However, the regulators and other external agents can only point to what should be done, not how, and, as such, the effectiveness of the implemented measures is questionable. These doubts are reinforced by the fact that there is still no true comprehension of the long-term benefits of risk management. There is still a great deal of work to be done with the industry's professionals and decision-makers in order for them to understand the various instruments and solutions available in this area, instead of basing their advice and decisions solely on matters of price.



LATIN AMERICA

In general and Brazil specifically – insights from Cristiane Alves, a Brazilian risk manager with views on the entire subcontinent

Demarcate Latin America?

Generally, the countries colonised by Spain and Portugal are part of Latin America, with Haiti also being

considered in spite of being colonised by the French. Regardless of the colonising country, Latin American countries have many common characteristics: a mostly Christian religion and a mix of European and Native American roots, although the influence of forced African immigration and voluntary Asian immigration can also be observed in several countries. These features have naturally impacted the cultural traits that have formed in each country throughout the centuries.

These countries also differ significantly in the probability of occurrence of natural disasters. There are very different realities: the countries in the Pacific Coast are frequently affected by earthquakes; the countries in the Caribbean Sea deal with hurricanes; and those in Atlantic South America suffer from natural catastrophes such as floods.

Finally, geographic and economic issues are also important in the subcontinent's description. Brazil is absolutely unavoidable, both by its size and by the economic and commercial power it has been obtaining. However, we must also mention other countries that have been standing out by their seriousness when faced with crises and by exporting to make up for their small markets, such as Chile, Uruguay, Peru, Ecuador, Costa Rica, and Panama, among others, but we also should not forget large countries that even if facing different kinds of crises, still present many potentialities, like Mexico, Colombia, Venezuela and Argentina.

With Cristiane being Brazilian, the talks naturally dealt more with the reality in her country, which is not only a reference in size, but also among the seven greatest economic powers in the world.

How is risk seen in Brazil?

Generally, in Brazil there is a weak perception of risk and, consequently, a low propensity towards taking preventive measures or mitigating it.

This is the result of several aspects, among which are the country's historical background, characterised by the absence of wars and other conflicts in its territory. Additionally, the absence of major natural disasters, except for floods, has also contributed to the creation of a false sense of security and tranquillity. The abundance of natural resources has also given the Brazilian people a lack of concern, or better said, a lot of

AMÉRICA LATINA

Em geral e Brasil em particular – insights de Cristiane Alves, uma gestora de risco brasileira de horizontes alargados a todo o subcontinente

Delimitar América latina?

De uma forma geral, fazem parte da América Latina os países que foram colonizados por Espanha e Portugal, considerando-se ainda o Haiti, apesar de colonizado pelos franceses.

Independentemente do país de colonização, os latino-americanos têm muitas características em comum: uma religião majoritariamente cristã e uma mistura de raízes europeias e nativas americanas, embora em vários países se note igualmente a influência de uma imigração africana forçada e de uma corrente de imigração asiática voluntária. Estes aspetos têm, naturalmente, impacto nos traços culturais que se foram formando em cada país ao longo dos séculos.

Estes países são também diferentes no que se refere à probabilidade de ocorrência de catástrofes naturais. Existem realidades muito diferenciadas: os países da costa do Pacífico são afetados frequentemente por terremotos; os países do Mar do Caribe lidam com furacões; e os da América do Sul Atlântica sofrem com catástrofes naturais como inundações.

Finalmente, questões geográficas e económicas são também importantes na descrição do subcontinente. Temos, por um lado, o Brasil como absolutamente incontornável, quer pela sua dimensão, quer pelo poderio económico e comercial que tem vindo a adquirir. No entanto, não podemos deixar de referir outros países que se têm destacado por sua seriedade em enfrentar crises e exportar para compensar os seus pequenos mercados, como é o caso do Chile, Uruguai, Peru, Equador, Costa Rica, Panamá, entre outros. De referência são também países de grande dimensão, que apesar de estarem a enfrentar crises de diferentes tipos, continuam a apresentar vastas potencialidades, como o México, a Colômbia, a Venezuela e a Argentina.

Sendo Cristiane brasileira, as conversas naturalmente abordaram mais a realidade deste país, que não só é referência em termos de dimensão, como se encontra igualmente entre as sete maiores potências económicas mundiais.

Como é visto o risco no Brasil?

De uma forma geral, existe no Brasil uma fraca percepção face ao risco, e, conseqüentemente, uma baixa propensão para a tomada de medidas preventivas ou de mitigação do mesmo.

Esta situação é fruto de vários aspetos, entre os quais se encontram o percurso histórico do país, marcado pela ausência de guerras e outros conflitos no seu território. Adicionalmente, a não ocorrência de grandes catástrofes naturais, à exceção de inundações, tem também contribuído para a criação de uma falsa impressão de segurança e tranquilidade. A abundância de recursos naturais conferiu igualmente ao povo brasileiro uma despreocupação, ou melhor dizendo, um grande otimismo face ao futuro.

As características que o mercado brasileiro assumia até há alguns anos, nomeadamente no que se refere ao resseguro, encorajavam também esta atitude. Durante décadas, existiu um mercado monopolista e estatal de resseguro, através do IBR (Instituto Brasileiro de Resseguro), que tinha a obrigação de tomar todos os riscos, independentemente da sua qualidade. Isto favoreceu uma atitude de menor preocupação com a prevenção, uma vez que a cobertura dos riscos estava sempre garantida.

optimism regarding the future.

The Brazilian market's characteristics a few years ago, namely in terms of reinsurance, also encouraged this attitude. For decades, there was a monopolistic and state-owned reinsurance market, through IBR (Instituto Brasileiro de Resseguro), which was required to take on all risks, regardless of their quality. This favoured an attitude of lower concern with prevention, since the coverage of risks was always guaranteed.

All these aspects have to be viewed in conjunction with the optimistic culture prevalent in the country. It was common to hear Brazilians use expressions such as "We live in paradise" or "God is Brazilian". In this general context, concern for prevention and mitigation of risks took on little relevance, manifesting in questions such as: Why care for risk management? How is it relevant to have adequate risk mitigation with insurance policies? Why do we have to focus on risk prevention?

However, a few recent changes in the Brazilian context may lead to a greater opening and propensity towards risk management.

Economically, the country has been undergoing strong development in recent years. The middle class grew significantly – in the past 10 years, 80 million Brazilians joined this class, and now want to preserve their recently acquired status. Additionally, Brazil has been working arduously towards obtaining greater benefits from the aforementioned abundance of natural resources. This strategy led to a stronger and more diversified economy. Brazil is now a relevant producer of agricultural goods and a powerful industrial player.

In terms of climate, the change has taken shape in floods that are increasingly more frequent and whose effects are more devastating.

At the political level, the entry into force of new legislation has

Todos estes aspetos têm que ser vistos a par da cultura otimista vigente no país. Era frequente ouvir expressões por parte dos brasileiros como "Vivemos no paraíso" ou "Deus é brasileiro". Neste contexto geral, a preocupação com a prevenção e mitigação dos riscos assumia pouca relevância, que se manifestava em questões como: Porque nos preocuparmos com o gerenciamento de risco? Qual a relevância de termos uma adequada mitigação de risco via apólices de seguro? Porque temos que apostar na prevenção de risco?

No entanto, algumas alterações recentes no contexto brasileiro podem levar a uma maior abertura e propensão para o gerenciamento de riscos.

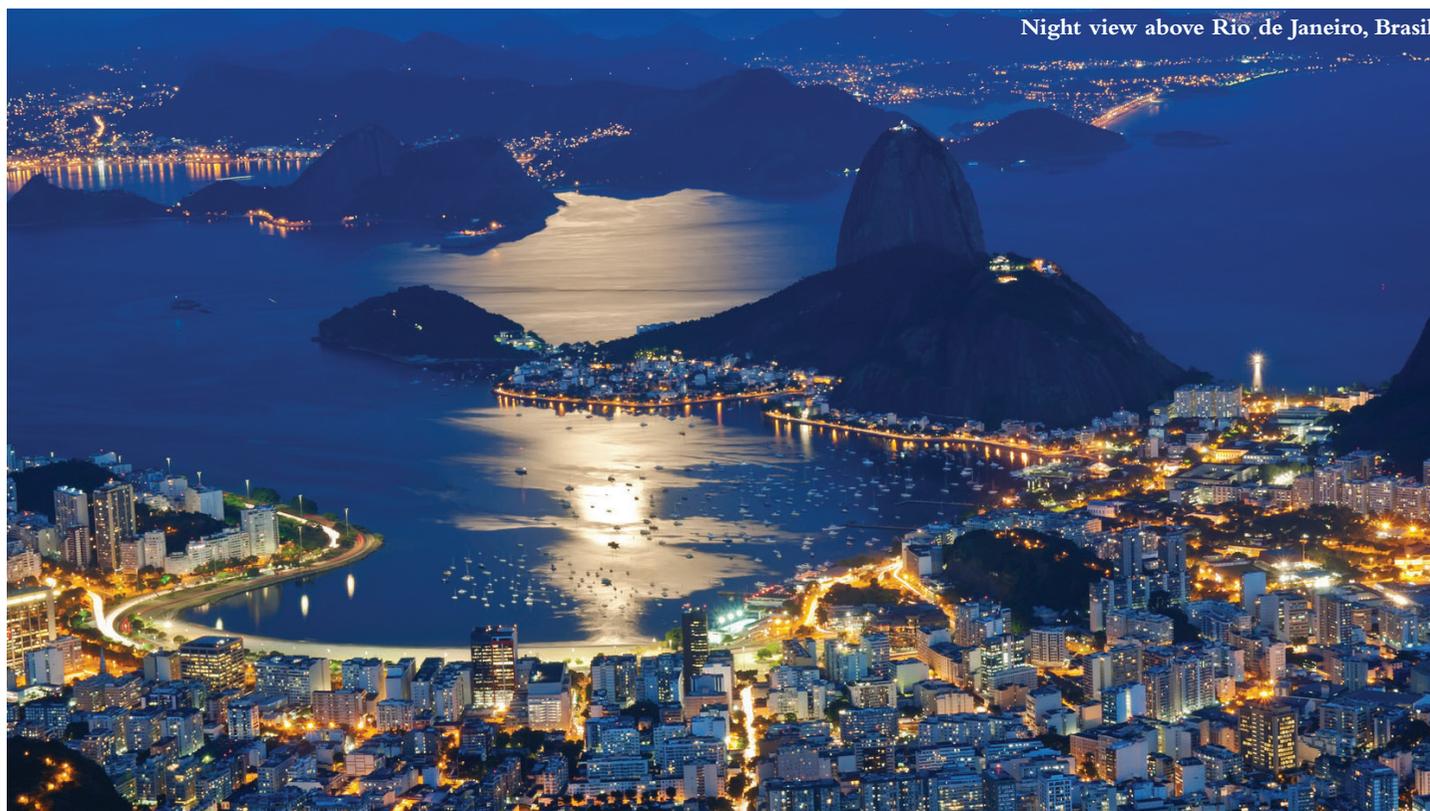
Em termos económicos, o país tem registado um forte desenvolvimento em anos recentes. A classe média cresceu significativamente – nos últimos 10 anos, 80 milhões de brasileiros passaram a integrar esta classe, querendo agora preservar o novo estatuto adquirido. Adicionalmente, o Brasil tem também trabalhado arduamente no sentido de retirar maiores benefícios da já referida abundância de recursos naturais. Esta estratégia conduziu a uma economia mais forte e diversificada. O Brasil é hoje um relevante produtor a nível agrícola e um *player* industrial poderoso.

Em termos climáticos, as alterações têm-se materializado em inundações cada vez mais frequentes e de efeitos mais devastadores.

A nível político, a entrada em vigor de nova legislação introduziu igualmente incentivos. As novas regras a nível do Código Civil de 2002 vieram estabelecer regras claras em termos de responsabilidades. Finalmente, também crucial foi a abertura do mercado ressegurador em 2008. Como resultado, os novos *players* passam a ser bem mais seletivos na sua tomada de risco.



Copacabana (Rio de Janeiro), Brasil



also introduced incentives. New regulations in the Civil Code of 2002 established clear rules in terms of responsibilities. Finally, the opening of the reinsurance market in 2008 was also crucial. As a result, the new players are more selective in their risk underwriting.

All these changes, especially the last one, awoke the Brazilian companies to the necessity of treating their risks in a more professional manner. There is increasing concern for prevention, namely by adopting serious measures to improve risk quality. Otherwise, their transfer to the insurance market might be at risk.

Conclusion

Historically, Brazil does not have a strong tradition in risk management or in its mitigation. Many factors contribute to this in politics, geography, climate, and culture.

However, recent developments, which made this country an unavoidable reference in world economy, have brought about greater awareness towards the importance of risk, its prevention, and its mitigation. This is another country ripe with opportunity for the industry, and whose potential may be better attained via the market players' active action.

The way risk management is seen globally is very diverse. However, the growing importance given to it in the several analysed areas is undeniable.

In Europe, there are countries with strong tradition in this area, such as Germany, the United Kingdom, and France. These now share a prominent position with countries such as the United States of America and Canada. But they are not alone. Japan, Taiwan, Singapore, and Australia have been growing significantly. And we cannot forget other players that, while emergent, are expected to have a say. We are alluding to China, India, Russia, Turkey, Brazil, and Mexico, among many others. These are where we should place a significant share of our focus. The way these emergent countries will deal with risk is not only an opportunity, it will also define the future of the industry dealing with risk professionally. ■

Todas estas mudanças, com especial ênfase na última, fizeram acordar as empresas brasileiras para a necessidade de tratar os seus riscos de forma mais profissional. Gerou-se uma maior preocupação com a prevenção, nomeadamente pela tomada de medidas sérias, por forma a melhorar a qualidade dos riscos. De outra forma, a transferência dos mesmos para o mercado segurador poderia estar em risco.

Conclusão

Historicamente o Brasil não tem uma tradição forte no que se refere ao gerenciamento do risco e à sua mitigação. Para tal contribuem muitos fatores, de ordem política, geográfica, climatérica e cultural.

No entanto, os desenvolvimentos recentes, que tornaram este país numa referência incontornável a nível da economia mundial, têm levado a uma maior consciencialização para a importância do risco, da sua prevenção e mitigação. Mais um país repleto de oportunidades para o setor, e cujo potencial pode ser melhor concretizado via uma atuação ativa dos players de mercado.

A forma como o gerenciamento de risco é visto a nível global é muito diversa. No entanto, nas várias zonas analisadas, é inegável a crescente importância que lhe é reconhecida.

Na Europa temos países com uma forte tradição nesta área, como é o caso da Alemanha, Reino Unido e França. Estes partilham hoje posições de destaque com países como os Estados Unidos e o Canadá. Mas não são os únicos. O Japão, Taiwan, Singapura e Austrália têm também vindo a crescer significativamente. E não nos podemos esquecer de outros *players*, que sendo emergentes, se prevê que venham a ter uma palavra a dizer. Referimo-nos à China, Índia, Rússia, Turquia, Brasil e México, entre muitos outros. É aqui que uma parte significativa da nossa atenção se deve concentrar. A forma como estes países emergentes vão lidar com o risco, representa não só uma oportunidade, como ditará o futuro da indústria que trata os riscos profissionalmente. ■